



Gaiato



PORTE PAGO

Quinzenário • 29 de Julho de 1989 • Ano XLVI — N.º 1184 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

SETÚBAL

Os contínuos pedidos de acolhimento para crianças, em extrema situação de abandono e perigo, têm aumentado em progressão assustadora.

Somos verdadeiramente «asseediados» por párocos, vicentinos, religiosos, assistentes sociais, magistrados, amigos e pessoas de boa vontade.

A nossa capacidade de resposta é reduzidíssima, dado que ultrapassámos, há muito, as possibilidades desta Casa.

Após a descrição dos casos e a premência das situações, o único escape que encontramos é chorar! Chorar de impotência!... Chorar para não rebentar!... Chorar trágicas sem solução. Chorar como as crianças, sentindo as razões, mas não descortinando os remédios.

Chorar os pecados desta geração cega olhando a própria barriga e vivendo a pertinaz e crescente ilusão de que a felicidade se encontra em satisfazer os próprios apetites, paixões e ambições terrenas.

Chorar porque tantos cristãos se habituaram a viver à margem do sofrimento alheio, sem sinais evidentes e claros de qualquer comunhão ou compromisso, como se todo o mundo fosse igual ou melhor que o seu; como se a sua vocação cristã os não radicalizasse indelevelmente na situação da Vítima que Se imola em todas as gerações para expiar os males e transformar o mundo. Com se a Vítima fosse só mística, poética ou celebrativa no vazio. Como se a acção de Jesus não devesse incarnar nos cristãos de hoje. Como se pudessem ser cristãos sem viver a vida de Jesus e as Suas opções preferenciais. Como se Ele não estivesse hoje para «curar os doentes, salvar os perdidos, evangelizar os Pobres e libertar os Oprimidos».

Como se os primeiros oprimidos do Evangelho não fossem os que estão debaixo das «estruturas do pecado»: sem pai e sem mãe (abandonados pelos progenitores), inocentes e indefesos — a reclamar violentamente a mater-

nidade e a paternidade da Santa Mãe Igreja para não serem engolidos pela marginalidade e Ela, a Igreja, aparecer aos olhos do mundo com o seu verdadeiro e glorioso rosto de Mãe e de Esposa do Cordeiro.

Ontem fechei dolorosamente as portas a três crianças abandonadas, há muito, pelo progenitor e cuja mãe fora internada num hospital psiquiátrico. Ficaram na barraca, no seu bairro imundo, entregues a si próprias e a frequentar actividades de tempos livres numa instituição do Estado.

Algumas das «nossas Senhoras» faleceram, sem ninguém que as

Cont. na página 3

POBRES

«Esta é a nossa casa» — disse-me, apontando a barraca de madeira.

A ideia de um empréstimo deu-lhe uma certa ilusão... Contas feitas, o dito chupou-lhe todas as esperanças... Viu que não tinha sangue para tamanha sanguessuga. Então, desanimado, vendeu metade do «terreninho» destinado à que seria sua casa; e, na parte que lhe restou, construiu a barraca.

Barraca é salvação, silva de afogado, na periferia das cidades. Labirinto... Muceque...

Tudo serve a famílias que arribaram e ficaram isoladas e sós: Barracas, prédios degradados, um buraco que abrigue da chuva e da noite.

O nome é sempre casa. Este nome aconchega, une e dá sentido à família. A nossa casa... Mesmo que a calça caia, a chuva entre e o frio nela more!

O entusiasmo e fadiga dos pássaros na construção do seu ninho! Depois, os ovos, o choco e os filhos. A lei apurada do instinto! E o ciclo repete-se com a certeza das primaveras.

Um grande número de pessoas perdeu os ciclos e as primaveras... Aves sem ninhos! Braços caídos até ao chão.

Contina na página 4

AQUI, LISBOA!

«A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi, pois, ao Dono da colheita que lhe envie trabalhadores.» (Lc. X,2).

A citação que acima este escrito é do dia litúrgico em que escrevemos. Pela sua importância e oportunidade a escolhemos.

Sendo certo que as últimas estatísticas reveladas em Roma apontam para um acréscimo de vocações consagradas e que em Portugal, o número de missionários tenha vindo a aumentar, mau grado os sacrifícios e os riscos assumidos, não raro com o derramamento do próprio sangue, a verdade é que as carências das Dioceses são muitas e causam, como não podia deixar de ser, graves preocupações e dores de cabeça aos Responsáveis. Com efeito, faltam trabalhadores no Campo de Deus, correndo-se o risco de perder a seara por ausência de ceifeiros. Daí a actualidade da palavra do Mestre: «Pedi, pois, ao Dono da colheita que lhe envie trabalhadores».

Os tempos actuais são, efectivamente, pouco propícios ao des-

prendimento e à renúncia. «Não leveis bolsa nem saco, nem sandálias», são palavras de Jesus que custam muito a aceitar à maioria dos cristãos, quiçá por alguns dos consagrados, perdoe-se-me a ousadia. Já Pai Américo, no seu tempo, escrevia: «Ai! que se nós, os Padres, fôssemos todos da Nova Lei e se quiséssemos para nós a glória dos Apóstolos — não tenho ouro nem prata — que bem que nós faríamos com a nossa pobreza e como havíamos de revelar ao homem quem ele é e quanto vale, nós, que somos postos na vida para ser a luz do mundo!» Isto, claro está, sem invalidar «que o trabalhador merece o seu salário», como se afirma no texto em reflexão.

No que concerne à Obra da Rua, a falta de «ceifeiros» é por demais evidente, como, aliás, se tem assinalado a miúdo nestas colunas. Entretanto, as necessidades agravam-se (no momento em que escrevemos vamos já em 140 pedidos de admissão). Não faltam espaços físicos para abrir novas Casas do Gaiato ou similares, bem como outros Calvários, que os valores materiais nunca foram obstáculo a

tal. Carecemos é de gente disponível, abnegada, sem ambições à moda do mundo, interiorizando e levando à prática a Boa Nova.

Os recentes passos dados pelo nosso Padre Baptista, ao serviço do Património dos Pobres, confirmaram de forma inequívoca a necessidade de dinamizar esse sector da Obra, denunciando as situações graves existentes, fazendo acordar as comunidades entorpecidas e polarizando esforços e boas vontades no sentido de minimizar ou de resolver os casos mais relevantes das carências habitacionais, sobretudo nas regiões interiores. Sim, porque nas cercanias dos centros urbanos mais importantes, a solução das questões passa por uma vontade forte e empenhada dos sectores governamentais e autárquicos, numa conjugação de esforços aprofundada e realista, em que não poderão estar ausentes as instituições de crédito e afins. Mas, para que tal suceda, é preciso gente e, no caso específico da Obra da Rua, «trabalhadores» do tipo anteriormente apontado.

E a terminar, não queremos deixar de referir aquilo que um dos

Cont. na página 3



Ilídio, cuja história Padre Manuel já revelou n'O GAIATO, mostrou esta foto com muito garbo, como se tivesse copyright: «Sou eu ò telefone... Foi uma senhora que m'a deu...» A dedicatória está no verso, pelo punho duma educadora infantil d'algures. Diplomada ou não (pouco importa), serviu-se da técnica de Pai Américo — o amor. Não há dúvida, para o Lixo das Ruas, carente de afectividade, só isso conta e é tudo, afinal: o amor de Mãe!

PELAS CASAS DO GAIATO

BEIRE

Eu chamo-me «Limão». Sei da erva do campo para as vacas. Sei do milho que é preciso sachar. Temos o pomar com muitos frutos. É preciso rapar as ervas do pomar. Trato da vacaria com o Emanuel e o «Sem-Nome».

Temos 14 vacas e 10 bois e nasceram dois vitelos. Agora já são 4. O «Nana» trata dos vitelos.

Não tenho pai nem mãe. Vim para a Casa do Gaiato de Beire, há 7 anos. O Padre Manuel António está cá. O Padre Baptista foi descansar e veio com um olho doente. Já está melhor. Os nossos rapazes têm piscina e sabem tomar banho muito bem.

O Marcelo é das camaratas. O «Formiga» é dos trolhas. O «Andorinha» é do campó.

Temos um ginásio. Jogamos a bola no campo de futebol. A quinta está muito bonita e é muito comprida. Os rapazes rapam o pomar com os homens que trabalham no campo e sacham o milho. O Paulinho e o «Carocha» são das folhas que caem no chão. O Nelito é da copa e ajuda na cozinha. O «Varito» é dos porcos. O Jorge limpou o cemitério e trabalha lá quando é preciso.

A dona de casa é a senhora Margarida e trata das frutas quando vão para o fruteiro. As lavadeiras lavam a nossa roupa e a roupa do Calvário.

Temos uma escola e o Fernando Dias é o professor.

As ramadas têm muito vinho e os campos têm milho e batatas.

Nasceram patos que estão muito bonitos.

Livros de PAI AMÉRICO

Pão dos Pobres (4 volumes; o 2.º, esgotado); **Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato** (2 volumes); **Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina** (3 volumes); **Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.**

DOUTROS AUTORES: **Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo**, Dr. João Evangelista Loureiro; **Calvário**, Padre Baptista (esgotado); **A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida**, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; **O Lodo e as Estrelas**, Padre Telmo Ferraz.

☆

Despachamos os pedidos pelos CTT.

Brincamos na sala de jogos e vemos televisão. O Zé Albano trata dos patinhos e anda com o tractor e trabalha na carpintaria.

Manuel Eduardo («Limão»)

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Caros amigos, votos de boa saúde. Deus compensa quem se desprende dos bens materiais para socorrer os mais necessitados.

Nós temos sempre necessidade de visitar os nossos amigos menos bafejados pela sorte com que vieram ao mundo. As carências são tantas e tão diversas e já temos falado muitas vezes nelas — que são de ordem moral e material. Devemos apaziguá-los com a nossa visita, mas não ir de mãos vazias. Não se pode pregar a estômagos vazios.

Na ronda do costume, uma mulher veio ao meu encontro pedir, não para ela, mas para um casal de parcos rendimentos, cuja esposa tem um cancro e o marido está cheio da sua companhia porque não o deixa dormir. Falámos um pouco. Que tivesse paciência. Poderia ser ele o doente e de certeza queria carinho e compreensão. Não lhe pude valer, na altura, materialmente. Prometi que voltava porque talvez alguém nos ajudará.

A visita, por vezes, vale mais do que a oferta. Vêem que alguém é seu amigo e está com eles. Entre o confrade e o Pobre existe um elo de amizade. Obrigado, em nome deles.

Cristiano

SETÚBAL

PRIMEIRA COMUNHÃO — Mais uma vez, em nossa Casa, houve a festa da catequese (dia 25 de Junho): quatro rapazes baptizados e doze fizeram a primeira Comunhão.

Para ajudar à festa vieram duas excursões do Barreiro, uma da Cova da Piedade, outra do Faralhão.

Os nossos rapazes tiveram um encontro com os da Cova da Piedade. Dia de muito calor, os rapazes, todos transpirados, lutaram pela vitória, mostraram a nossa superioridade técnica. Resultado (no prato limpo), vencemos e demos uma lição de futebol: 5-0 a nosso favor.

À nossa maneira, no fim, tudo foi bom e quem quis, tomou banho na piscina. Um dia maravilhoso, com muita paz e onde reinou a alegria. Tirámos algumas fotografias e recebemos uma taça.

O outro grupo, o «Faralhão», ofereceu o almoço. Um antigo gaiato deu aos actuais gaiatos um manjar tão apetitoso!: sardinha assada com batatas cozidas. E, para acompanhar, uma peça de teatro.

FESTAS — Terminaram. Mas parece que em Setembro há mais...

Foram à volta de cinco meses: dois de ensaios e três de actuações. Os actores sentem algum cansaço. Por isso,

estão em férias que bem merecem, para na próxima época escolar voltarem cheios de força.

FÉRIAS — Acabaram as aulas p'ra todo o mundo!

«Ufa, que suor! Já não era sem tempo, acabaram as aulas! Até que enfim!» Alguns dos rapazes desabafaram, assim, o cansaço; a maior parte com um aproveitamento pouco positivo. O esforço do ano lectivo, as muitas preocupações, tristezas e alegrias, valeram para alguns que se esforçaram e tiveram bons resultados. Outros não quiseram esforçar-se e vão ter que repetir o ano. O primeiro turno (dos miúdos) já está na praia a aproveitar estes dias de sol para descansar o máximo. Os restantes esperam bom tempo p'ra dar uns mergulhos na piscina. No próximo turno (mês de Agosto) serão os maiores.

ELEIÇÃO — Mais um grande sacrifício: a nossa comunidade elegeu o chefe-maioral porque o Freitas vai para a tropa, em Setembro. Escolhemos o «Andorinha», de 20 anos, que trabalha na tipografia (é impressor) e, também, encarregado de maior responsabilidade nas Festas.

Carlos Inácio («Lata») é o sub-chefe. Trabalha na serralharia.

Jorge Anjo

Conferência de Paço de Sousa

• Tem sofrido graves doenças. A profissão que exercera, envelheceu prematuramente o trabalhador! É já pensionista da Segurança Social e vive na solidão.

Algures, em freguesia vizinha, alguém dá um cubículo ao pobre homem, a troco de pequeno serviço prestado. Mas o contrato está no fim, não tendo onde reclinar a cabeça!

Colhemos o diagnóstico da situação na presença dum outro, cuja vida seria caótica não fosse a família (especialmente a mãe) deitar-lhe a mão. *Mater dolorosa* que tanto sofre!

• Estranhámos que algumas entidades oficiais não acudam também aos estratos mais carenciados: tanto na *Habitação Social* como em *Loteamentos* (infraestruturas) para *Autoconstrução*.

Sobram motivos de reflexão!
Primeiro — O S. O. S. dos sem-casa, testemunhado por Pai Américo na década de 50, pela construção de moradias para indigentes ou famílias sem capacidade económica. *Ovo de Colombo* que continua (continuará, infelizmente!) a suprir o que compete sobretudo a um Estado de Direito, que deveria dar prioridade à *Habitação Social*, sendo a propriedade resolúvel mais da competência de empresas imobiliárias. Aliás, pelo que a gente lê na Imprensa, os países da CEE estão a dar prioridade à *Habitação Social*.

Segundo — A preparação de loteamentos infraestruturados, especialmente para *Autoconstrução*, tornando mais

acessível o preço dos lotes, evitando sobrecargas fiscais e a velha *dança* burocrática que desmotiva os cidadãos (até os investidores estrangeiros). Oh Reforma Administrativa...!

É uma acção discreta que não dá para foguetes nem publicidade..., mas ir-se-ia justamente ao encontro dos que não levantam habitação própria, em regime de *Autoconstrução*, por falta de terreno a preços económicos.

Terceiro — Em terras do Vale do Sousa, fonte de mão d'obra do Grande Porto, o problema da Habitação tem sido minimizado, nas últimas décadas, pela *Autoconstrução* espontânea (que merece pouca atenção oficial no que se refere a benefícios que a lei prevê!). Seria oportuno dar a mão aos desiludidos, pondo loteamentos à disposição a preços compensadores.

PARTILHA — «Uma portuense qualquer» remete, como sempre, «a migalhinha para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, esta relativa ao mês de Junho». Não falha!

Assinante 3359, da Rua Tomé de Sousa (Porto), 1.500\$00 «para o que achardes mais necessário». O óbulo não aqueceu na mão do tesoureiro! Acudiu-se, logo, a um grito de dor!

«Uma Alentejana» — gostamos de ver, por cá, as gentes do Alentejo! — «pede uma oração por alma dos queridos Mortos» e entrega cinco contos.

O nosso Elísio contribui, uma vez mais, «com uma pequena migalha (1.000\$00) para o leite dos filhos dos Pobres a quem a Conferência abastece». Acrescenta: «Na última prestação de contas publicada n'O GAIATO, ficou bem visível quanto precisamos ainda mais de contribuir!» Toma lá um grande abraço, amigo Elísio.

Sonnemberg trouxe cinco contos que, habitualmente, lhe entregam na Igreja da Trindade, em sobrescrito dirigido à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus.

Mais uma nota de mil, capeada de recortes do *Famoso*, expedida pela assinante 24851, sugerindo que se destine «à compra de medicamentos». São uma fortuna!

Assinante 20631, de Monte Gordo, 3.000\$00 já distribuídos «a uma senhora que vive só». Outro óbulo, de boa Amiga, do Luso, dividido por vários sectores, inclusivé os nossos Pobres: «Hoje, aniversário de nascimento de minha irmã e a oito dias do aniversário do seu falecimento, não posso pensar em melhor oferta, para ela, que este cheque». Mais 2.500\$00 de Santa Cruz do Douro. A remessa da assinante 31104: «A minha ausência, misturada com uma série de preocupações, veio alterar o ritmo da minha contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Mas segue na mesma e bendito aquilo que esperamos, chegue, embora tarde». A linguagem dos Pobres é assim. Feliz coincidência!

Outros samaritanos. Presenças firmes. Partilhas com o coração nas mãos. Ouçamos o «Manel de Braga», sempre com mensagem: «Junto cheque para darem às irmãs viúvas. Estou sempre a ver as ofertas para elas, mas são poucas. Quem está bem instalado na vida não se lembra dos que sofrem. É preciso sofrer para melhor sentirmos as dores dos Outros».

Assinante 10196, de Fiães, com um cheque, destinando «cinco mil para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Distribuam por quem entenderem».

Virgínia, de algures (assinante 23786), manda uma carta riquíssima. Citamos parte: «Querendo associar-me à data que se aproxima — 16 de Julho, 33.º aniversário da ida de Pai Américo para o Céu — aqui estou a enviar uma gotícula para o Oceano de bênçãos que congregais. (...) Assalta-me uma 'questão': porque somos tão 'privilegiadamente' perseguidos pela rotina dos homens ou pelos dividendos políticos a colher... quando nos propomos a seguir Jesus na prática, através de actos substanciadas no pulsar de um dia-a-dia dedicado a Ele?»

Fecha a coluna um vale de correio, expedido de Santarém. Dádiva muito certinha. Graças a Deus!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

FÉRIAS — Terminado o ano lectivo, ocupámos toda a malta disponível, do Lar de Coimbra. Cada um escolheu a sua ocupação, pois a vida não pode parar.

Foram distribuídos pela carpintaria, serralharia e tipografia; pelas actividades domésticas; pela pecuária e pelas obras de construção civil.

LAVOURA — O milho foi adubado e já levou a primeira rega. Está a crescer muito bonito; esperamos colher bom fruto para a nossa broa e rações para as vacas, porcos e galinhas.

As videiras e as árvores de fruto estão lindas, cheias de fruto, embora ainda verdes, mas prometem boa colheita.

As ameixas já fazem parte da sobremesa das nossas refeições. As ameixoeiras estão carregadinhas e a malta regala-se com a fruta.

A horta atrás do campo de futebol promete: Muito tomate para saladas frescas que nos regalam à mesa. Os feijoeiros, as cenouras, os pimentos, as abóboras e o cebolo completam a nossa horta. Uma beleza! O «Maço» e o «Quatro» são os responsáveis pela horticultura.

PECUÁRIA — Matámos uma vaca, tão gordinha que estava! Apetitosa carne já saboreada por todos.

LARANJAS — O Padre Horácio trouxe uma carrada de laranjas da sua aldeia. Sempre que lá vai traz a carrinha cheia de coisas boas: laranjas, batatas, couves, etc. A malta junta-se logo para ajudar a descarregar...

Os «Capitães» ofereceram também uma grande carrada de ameixas.

Muito obrigado.

João Paulito

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

ASSOCIAÇÃO dos Antigos Gaiatos do Norte

Realizámos o nosso passeio/visita às Casas do Gaiato de Miranda do Corvo, Setúbal e Tojal.

Dois dias inesquecíveis! Para além da camaradagem e boa disposição dos «excursionistas», o convívio com os nossos irmãos gaiatos e respectivos Padres foram momentos de muita fraternidade que encheram os nossos corações.

Chegámos a Miranda do Corvo cerca das 11 horas da manhã. Lá estava Padre Horácio que nos recebeu com muito carinho. Presentemente é o mais antigo da Obra. Os seus cabelos brancos e o aspecto, já um pouco cansado, são símbolos de dezenas de anos entregues, com dedicação e amor à Obra da Rua.

SETÚBAL

Cont. da página 1

rendesse; outras, estão a chegar ao limite das suas forças e capacidades sem ninguém que as substitua.

Não estou desesperado. Não senhor. Aguardo que alguma «siro-fenícia», alguma cananeia ou algum centurião venha ocupar o lugar que primariamente deveria caber às Filhas e aos Filhos do Povo de Deus.

Este tempo de espera e de lágrimas confirmará a experiência de séculos e revelará o novo e sempre actual estrelecamento de Jesus: «nos filhos de Israel não encontrei tão grande fé».

Padre Acílio

Aqui, Lisboa!

Cont. da página 1

nossos pequenos, no dia precedente ao que redigimos estas notas, nos disse, tocando os cabelos já embranquecidos que nos restam: «O sr. padre está a ficar velhinho e qualquer dia morre... Depois virão dois para o substituir». A lógica do Carlos Fraga, formulada de maneira meiga e inocente, consola-nos. Pela sua voz, de sete anos, veio-nos a constatação duma realidade: o fim aproxima-se como para qualquer mortal, mas o sentido da multiplicação por dois substitutos ultrapassa-nos, que eles, na verdade, isso sim, são bem precisos.

Padre Luiz

Todos nós lhe estamos gratos, pois ao longo destes anos tem sido um bom continuador de Pai Américo.

Almoçámos e convivemos com a comunidade, não tendo faltado o cafezinho no bar e uma suecada, sendo Padre Horácio um dos intervenientes.

Às 15 horas arrancámos com destino a Setúbal. Padre Acílio e a comunidade receberam-nos de braços abertos. Jantámos com a rapaziada e, cerca das 21,30 h, assistimos à actuação dos nossos jovens irmãos numa casa de espectáculos nos arredores de Setúbal. Duas horas de muita alegria e emoção.

No final do espectáculo Padre Acílio instalou-nos na casa da praia da Arrábida, onde pernoitámos.

No dia seguinte, seguimos para o Tojal. O Padre Luiz, e a comunidade, receberam-nos com muito carinho.

Após uma visita às instalações, assistimos à Missa, durante a qual Padre Luiz casou um dos seus.

Cantinho das Senhoras

«Deus escreve direito por linhas tortas». Comigo assim se deu, quando menos contava vir descansar. Recebi a notícia para descansar uns dias. Vim à campa de Pai Américo, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Senti-me feliz junto dele, recordando as últimas palavras que me disse: «Filha, tem coragem! Olha, a Obra não é minha. Quando eu for é que ela vai começar».

Para mim estas palavras dão-me coragem na vida do dia-a-dia, com muitas fraquezas, com muitos defeitos, mas com o coração de muito amor por aqueles que me rodeiam. Só isto: há dois dias fora deles e não sei o que me falta...

Será que não há almas por esse mundo além que se queiram dar de todo o coração àqueles que tanto precisam? Há tanto que fazer na vinha do Senhor! «A messe é grande e os operários são poucos.» Os caminhos são muitos e cada um tem o seu. Deixem-se dominar pelo Espírito Santo que Ele faz maravilhas!

Vinde com pés bem firmes no terreno e com vontade de amar sem medida os nossos queridos «Batatinhas» que precisam tanto!

Maria da Luz

Almoçámos com os rapazes e a comitiva espalhou-se pelas diversas mesas, num diálogo interessante.

Aliás, nestes convívios e durante as conversas com estes moços, há um pormenor que nos alegra: o interesse dos actuais gaiatos pelos «velhos», por coisas sobre Pai Américo.

Os nossos Padres, sempre que as ocasiões se proporcionam, falam de Pai Américo aos jovens gaiatos. É bom que assim seja. Foi o grande alicerce da Obra da Rua, que continua a ser a família para os sem família.

Voltando ao almoço: seguimos para o bar, tomar café, acompanhado de um bagacinhos.

Cerca de 15 horas deixámos o Tojal a caminho de Fátima. Depois de uma pequena visita ao Santuário,



RETALHOS DE VIDA

O «TROFA»

A malta baptizou-me de «Trofa», mas o meu nome é: Paulo Lopes Gomes.

Agora, tenho doze anos. Nasci em 1976.

Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, porque sou órfão. A minha mãe morreu e a minha avó não me podia criar.

Tenho dois irmãos, comigo, na Casa do Gaiato. Frequento a quarta-classe da Instrução Primária e quero continuar a estudar até ao segundo ano do Ciclo Preparatório.

Fora das horas de estudo faço serviço na lavandaria, mas gosto mais da padaria.

Quando sair da Casa do Gaiato já serei um homem.

Paulo Jorge Lopes Gomes («Trofa»)

merendámos e regressámos ao Porto.

Dois dias que tão cedo não esqueceremos!

Em Miranda do Corvo e Setúbal, contactámos elementos das Associações dos Antigos Gaiatos sobre a

Cooperativa de Habitação. Nos convívios destas duas Casas, estaremos presentes para melhor sensibilizarmos e esclarecermos os que, na verdade, estiverem interessados.

Carlos Gonçalves

COOPERATIVA DE HABITAÇÃO ECONÓMICA DOS GAIATOS

Conforme o prometido aos responsáveis das Associações, aquando do nosso passeio, estivemos presentes em 25 de Junho e 2 de Julho nos Convívios dos Antigos Gaiatos do Centro e de Setúbal.

Para além de partilharmos dos convívios, foi nosso principal objectivo divulgar pormenores sobre a actividade da Cooperativa de Habitação e prestarmos todos os esclarecimentos.

Em Miranda do Corvo, em reunião que tivemos com elementos directivos da Associação dos Antigos Gaiatos, seus associados e Padre Horácio, ficámos convictos que muito em breve iremos arrancar com uma delegação em Coimbra. O entusiasmo verificado e a cedência à Cooperativa, pela Obra da Rua, de um terreno existente em Coimbra, são indicadores positivos.

Em Setúbal, também encontramos muito entusiasmo da Direcção da Associação, associados e Padre Acílio que também comunicou aos presentes a cedência, à Cooperativa, de um terreno existente na cidade. Encheu os nossos corações de alegria!

A aquisição de terreno, principalmente, é um dos passos difíceis para quem pretende construir. A Obra da Rua tem-nos dado boa ajuda, neste campo, em Paço de Sousa, Coimbra e Setúbal. Precisamos de terrenos na zona do Porto, para onde já

temos muitos pretendentes à habitação. As Câmaras Municipais do Porto, Matosinhos, Maia e Vila Nova de Gaia têm uma palavra a dizer.

Uma das Câmaras citadas já foi contactada por escrito, há cerca de três meses; mas, com muita tristeza, ainda não recebemos resposta.

Será que não é urgente resolver o problema de habitação!? Pensamos que sim, pois sem casas com condições mínimas para um ser humano viver, não será possível uma sociedade saudável.

Não queremos que os nossos rapazes, ao constituírem família, se lancem com os seus filhos a viver num ambiente de barraca, pois se tal acontecesse, de nada teriam valido os anos vividos na Casa do Gaiato. Estariam de volta às suas origens...!

Os senhores Presidentes das Câmaras ajudem-nos, pois estamos a contribuir para um Portugal melhor.

Recebemos uma oferta de 10.000\$00 de Maria Noémia, de Vila Real.

Carlos Gonçalves

CARTAS

«Com sinceros desejos de muita saúde, para que nunca nos falte o nosso querido jornal — 'O abre corações' — votos de felicidades em todos os vossos empreendimentos, a bem do rapaz desamparado. Envio este cheque para pagar o que nunca está pago.

A amiga assinante 15291»

«O meu muito obrigado por terdes enviado toda a colecção de livros da Editorial.

Por isso, sinto-me responsabilizado não só perante mim, mas também perante os meus, e ainda mais perante a comunidade a que pertença.

Por aquilo que já me foi dado ler, e que são verdadeiras páginas do

Evangelho, nós, os cristãos, não podemos nem devemos ficar calados nem quietos, frente a tantos atropelos e injustiças que contra os direitos e liberdades humanas hoje se cometem. Como sejam e, para não citar outros escândalos, casamentos sem amor. Amor que passa pela Cruz, ou seja, onde Deus não tenha o primeiro lugar, como diz S. Paulo, porque há muitos que se portam como inimigos da Cruz de Cristo. 'Falei-vos deles muitas vezes e agora falo chorando' (Fl. 3,18). É contra tudo isto que nos devemos empenhar, porque vem dar em divórcios e filhos que nasceram para a vida, têm direito à vida, e são espezinhados, maltratados. Quando não são mortos mesmo ao nascer.

Assinante 8901»

DOCTRINA



...e da mesma sorte ve lume na lareira...

• Na quinta-feira passada levantou-se o arraial, depois de cinquenta dias de maré cheia, vigorosa e espumante, com vida soletrada em letras maiúsculas, onde as acções mais humildes e os actos mais insignificantes eram todos aumentados ao infinito pela indigência dos Gaiatos. Brincaram muito, comeram bem, não pagaram nada; deram-nos em troca a sua adorável pobreza. Aquele vem de dormir num quarto interior onde se deitam mais sete; este vai todos os dias ao quartel pelas sobras do rancho; um outro apanha papéis nas ruas para o café da manhã; e todos conhecem pessoalmente o «vamo-nos deitar, meus filhos, que hoje não temos ceia». Foi esta a bendita moeda com que todos pagaram o cerzir da costureira, as voltas da cozinheira, as merendas da despenseira, os cuidados do enfermeiro, as tuas ofertas mai-los meus trabalhos.

• Os colonos são todos da classe que Jesus manda convidar e sentar à nossa mesa — fracos, doentes, pobres, aleijados — porque não podem pagar da mesma sorte; «e o vosso Pai Celeste que vê tudo, retribuirá». E que retribuição! A Pérola preciosa que o mundo ateima em não procurar. Não foi, de maneira nenhuma, varrer de feira nem levantar barracas e ir-se, este nosso levantar; que a vida das Colónias continua pelo ano fora soletrada em maiúsculas, na vida física e moral dos Gaiatos que as fazem. A gente apalpa essa vida plena quando passa à porta das tocas e vem de dentro o chefe num delirante «ai! que o meu José está morto pelo ano que vem!». Semeador que semeias no mundo, semeia para a Eternidade que nesta vida colhes já abundantemente.

• Leitor que simpatizas com o pobre da Sopa; ele traz hoje uma queixa de um cão... na Sofia, muito grande e muito arreganhado, que ladra furiosamente sempre que ele por ali passa, o pobre da Sopa. Tem outros mais pequeninos, a outras portas; mas são rafeiritos lambidos que se calam com uma côdea. Não assim o da Sofia, que rosna por vinte notas de cem. Tem pena do recoveiro que não pode fazer recados naquela rua, onde há tanto que girar; e parte-lhe um dente com uma lapada certa ou atira-lhe, ao menos, uma bucha e diz-lhe que me deixe passar.

D. Amén. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 1.º vol.)

POBRES

Cont. da página 1

A «sociedade de consumo» tirou-lhes toda a capacidade. Nos tempos antigos, a mesma sociedade punha grillhões e chocalhos nos pés dos pobres e dos escravos... Hoje, as mesmas correntes — pelas necessidades que criou e «empréstimos-favores».

• Fomos três vezes ao CRUARB e duas à Câmara do Porto a ver de uma casinha ou canto de terreno para abrigarmos a família do Zé e Maria do Céu mais os seus três filhos pequenos.

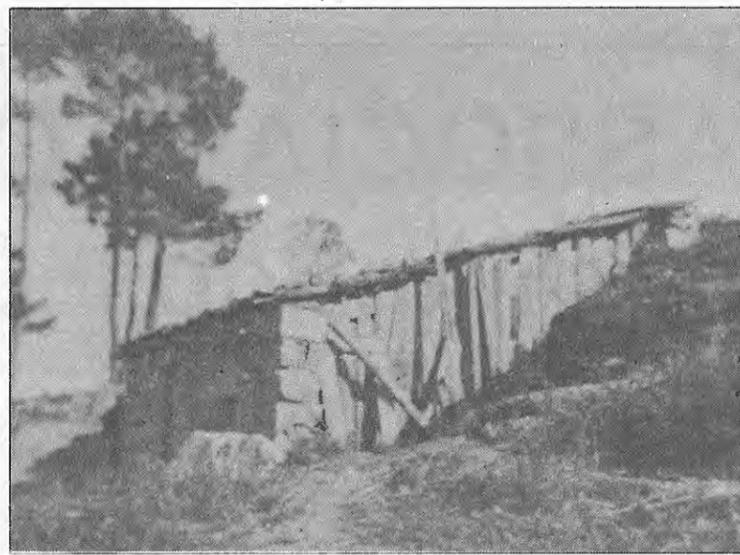
Esta família é assistida pela nossa Conferência do Lar do Porto.

É aquela para a qual se fez um apelo por estar à chuva num prédio degradado. Os nossos amigos leitores responderam e já temos mil e tal contos. Amanhã, outra ronda pelo CRUARB e pela Câmara. Temos esperança. Depois diremos.

Há dias, disse-nos alguém: «Não acabarão as barracas nem os Pobres». Certo! Mas se menos uma e um, o sol terá mais um espaço para dar calor.

Deus não nos pede que resolvamos todos os casos do mundo. Pede-nos, sim, para sermos fraternos com o que encontramos estendido na estrada.

Padre Telmo



Barraca é salvação, silva de afogado — na periferia das cidades. Labirinto... Muceque... Tudo serve a famílias que arribaram e ficam isoladas e sós!

Em tempo de preparação do próximo ano escolar, que é este princípio de Julho, professor Abílio veio perguntar-me se deveria matricular o «Grilo». Mal ele sabia quanto a pergunta vinha mexer numa ferida que ainda não está cicatrizada, igual a muitas que constantemente nos magoam e são sempre difíceis de curar.

O «Grilo», de seu nome verdadeiro Sérgio Paulo, com 11 anos

feitos em Março passado, é quase uma «pessoa pública» em várias freguesias de Oliveira de Azeméis. Tive ocasião de o comprovar quando, há meses, por lá andei em campanha de assinaturas. Pinheiro

O «GRILO»

TRIBUNA DE COIMBRA

Hoje foi um dia marcado por muitas consolações familiares. Somos uma grande família e sentimos alguns familiares comprometidos. São todos de longe, mas o amor não tem distâncias.

Um avô vem dar notícia do primeiro neto que nasceu. A família a rejuvenescer! Este avô já tem vindo passar algumas férias a nossa Casa, a trabalhar numa das nossas oficinas. Agora tem feito os nossos trabalhos em sua casa e pede que mandemos mais. Mãos abençoadas as deste Homem!

Um casal novo, com dois filhos, a oferecer suas férias para nos vir ajudar. Pela leitura que tem feito no nosso jornal, já viu que a nossa maior necessidade é de pessoas e não de bens. «Nós, eu e minha mulher, lemos sempre O GAIATO e temos reparado que vocês lutam mais com falta de meios humanos do que de apoios financeiros. Lembrámo-nos de oferecer um pouco do nosso tempo, este Verão. Se achar que esta nossa oportunidade em ajudar os gaiatos dá jeito, não tenha receio em nos comunicar.» Disse logo que sim.

Veio um cheque e uma carta de viúva de 81 anos. Feliz por no fim de ler O GAIATO todo, entrega-o para que outros leiam. Quer ser mensageira da Boa Nova. Feliz porque procura a felicidade autêntica.

Um pescador escreve, mais uma vez, a «informar do donativo que lhe estou a mandar e peçam a Deus que me livre da morte no mar». Gosto sempre muito de receber as cartas deste pescador. Homem crente e generoso. Deus lhe conceda o que pede e nós também pedimos.

Um apaixonado que tem angariado muitos assinantes d'O GAIATO na sua aldeia. Procura que todos o leiam e paguem a assinatura a tempo. Todo se consola quando manda o cheque. Agora recebeu retroactivos e vem distribuir pelo Tonito e pelo «Chola» que andam a construir suas casas. Uma carta cheia de calor humano e cristão!

Mais uma encomenda de sabão e sabonetes de filho cujos pais foram muito nossos. A mãe quis ser sempre mãe de todos os gaiatos. Deus já a chamou para Sua outra Casa; Deus que ela sempre procurou amar e servir. Recordo-a muitas vezes pelos mimos que nos fez. As ofertas do filho e as cartas do marido são prova de comunhão.

Um pároco aflito com «um casal ainda novo, com 4 filhos e véspera de cinco, mas uns tristes, por falta de cabeça. Ele bebe; ela, também. Ela não cozinha, não lava. Dois pequenitos de 8 e 6 anos andam com fome, pelas portas, a pedir. Não vão à escola. Será possível recebê-los aí em Casa?» A carta afirma muito mais. Disse que sim. Em qualquer dia e a qualquer hora.

Queremos partilhar com os nossos leitores estas consolações. Embora algumas tenham sabor amargo, a comunhão que fazemos há-de suavizá-las. O que mais importa é viver em comunhão. Eis — como diria Pai Américo.

Padre Horácio

da Bemposta, UI, Loureiro... — em todas elas o Sérgio era conhecido e me vieram perguntar por ele, pessoas que costumavam acolhê-lo nas suas deambulações por lá.

A primeira vez que o vi foi em Paço de Sousa, trazido por três Párocos das redondezas, todos interessados na mudança da má vida do rapaz. Então, ele nem quis sair do carro. Olhou-nos carrancudo e desconfiado. Respondeu a custo às nossas interpelações. Não ficou ainda dessa vez. Quisemos prevenir-nos com a intervenção do Delegado do Procurador da República que, na comarca, tem o pelouro dos Menores. A carta que nos mandou, trazava brevemente as linhas mestras da história do miúdo:

«Para os devidos efeitos se declara que é do meu conhecimento que o menor Sérgio Paulo de Almeida, de 9 anos de idade (a carta é de 1 de Fevereiro de 1988), se vem entregando à mendicância e vadiagem. Mais se declara que o mesmo menor não tem um ambiente familiar propício a um desenvolvimento físico e moral harmonioso. Face ao que fica exposto, e uma vez que dada a idade do menor este Tribunal não tem competência para lhe aplicar qualquer medida tutelar e conhecedor de que essa Casa está na disposição de o aceitar, entendemos que o seu internamento numa Instituição dessa natureza é, de todo em todo, conveniente e aconselhável para o referido menor.»

O pequeno veio pouco depois. Trouxe e conservou algum tempo a atitude *dura* da primeira vez que o vi. A princípio as fugas eram quase diárias. O hábito de vadiar pesava muito nele. Mas sempre era encontrado por perto e trazido a Casa.

Num destes regressos, dei-lhe uma *sova*. Foi remédio santo! Cho-

rou (antes nunca o vira chorar!); abriu-se; ficou amigo. Afinal o *duro* era meigo e profundamente carente de afeição. Ao voltar das minhas idas às terras dos seus domínios, contava-lhe de como aquela gente perguntava por ele e ele ficava contente. Combinámos que qualquer dia iria comigo a rever os que lhe queriam bem. Durante meses, aqui em Casa, o Sérgio deixou de ter história, tão bem se ia adaptando e agarrando à nossa vida.

Mas eis que aparece o pai e o leva sem dar palavra. É um preço caro por que, muitas vezes, pagamos o nosso ser de «porta aberta»! Passámos recado ao Pároco de UI, para que o passasse ao Delegado de Oliveira de Azeméis. Até hoje... e já lá vão alguns meses!

«Dada a idade do menor, este Tribunal não tem competência para lhe aplicar qualquer medida tutelar.» Mas terá competência, um dia, para o julgar e aplicar uma medida condenatória.

Que de mais provável se pode esperar de um rapaz com as qualidades do Sérgio, na escola da mendicância e da vadiagem a que regressou? De um rapaz abandonado a si mesmo, pai para um lado, mãe para outro, ambos procriadores potentes mas incompetentes para a missão da paternidade? Que fazer se, por fatalidade, o Tribunal, agora enquanto é tempo, também «não tem competência para lhe aplicar qualquer medida tutelar» que o liberte da propriedade dos pais, que o mesmo Tribunal sabe não darem ao filho «um ambiente familiar propício a um desenvolvimento físico e moral harmonioso»?

Com todas estas incompetências convergentes se fabricam criminosos e multiplicam párias neste País de brandos costumes!

Padre Carlos



Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898